

28 mai 2008

Nº 48

Importação mostra que problemas na indústria são localizados

Por **Fernando Puga**
Chefe de Departamento da APE

Ingresso de importados afeta setores como complexo eletrônico e químico

A economia brasileira ingressou, em 2004, em um ciclo de crescimento, impulsionado pelo consumo das famílias e pela aceleração dos investimentos. Uma característica particular do ciclo atual, frente a anos anteriores - em que o crescimento foi liderado pela demanda externa - é o aumento na participação de produtos importados no consumo doméstico, ou seja, no coeficiente de importações.

O comportamento do coeficiente de importações, que mede a participação dos produtos importados no consumo doméstico, foi analisado no “Visão do Desenvolvimento” nº 47. O objetivo deste número do Visão é

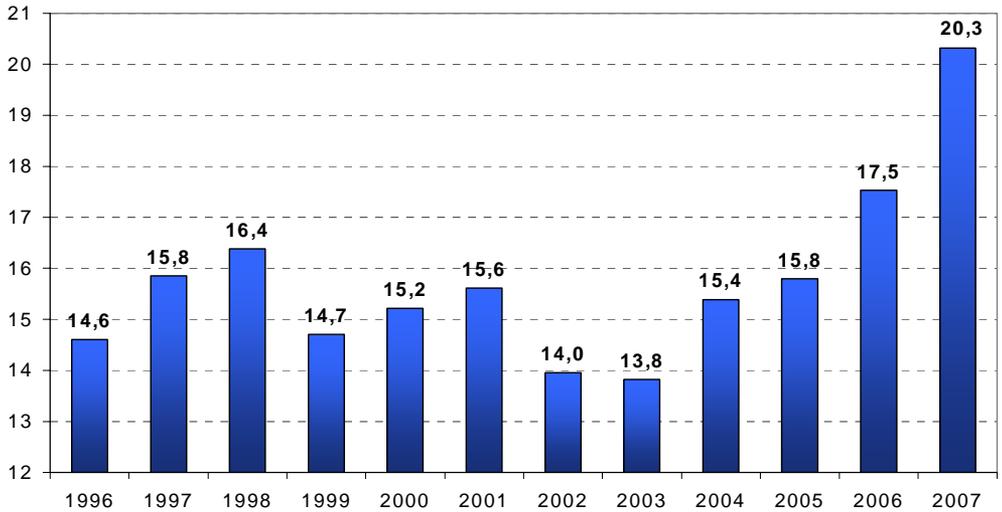
complementar o estudo anterior, analisando o comportamento desse indicador sob a ótica setorial. O estudo apresenta a evolução do coeficiente por setores, para o período 1996 – 2007. Ademais, mostra a contribuição dos diferentes setores para o seu aumento, nos últimos quatro anos. Com base nessa análise, infere-se que o coeficiente continuará a crescer, porém a um ritmo menor do que o observado recentemente.

O coeficiente de importações da indústria: 1996-2007

O coeficiente de importações da indústria mede a participação de bens

Visão do Desenvolvimento é uma publicação da área de Pesquisas Econômicas (APE), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As opiniões deste informe são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente o pensamento da administração do BNDES.

Gráfico 1: Coeficiente de Importações da Indústria



Fonte: IBGE, Secex, Funcex (elaboração própria).

importados no consumo aparente - produção menos exportação mais importação - de bens industrializados. Uma alta do coeficiente mostra, portanto, uma maior penetração de importados na economia. Este aumento, quando acompanhado de queda na oferta de bens nacionais, indica que a produção doméstica está perdendo espaço para os importados. Em compensação, uma redução no coeficiente acompanhada por aumento na produção doméstica aponta para um processo de substituição de importações.

O Gráfico 1 mostra o comportamento do coeficiente, no período 1996 - 2007. A escolha de 1996 como ano inicial deve-se a disponibilidade de dados por setor, agrupados conforme a CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas. O coeficiente foi calculado a preços constantes, com base na cotação média do dólar em 2005 (R\$

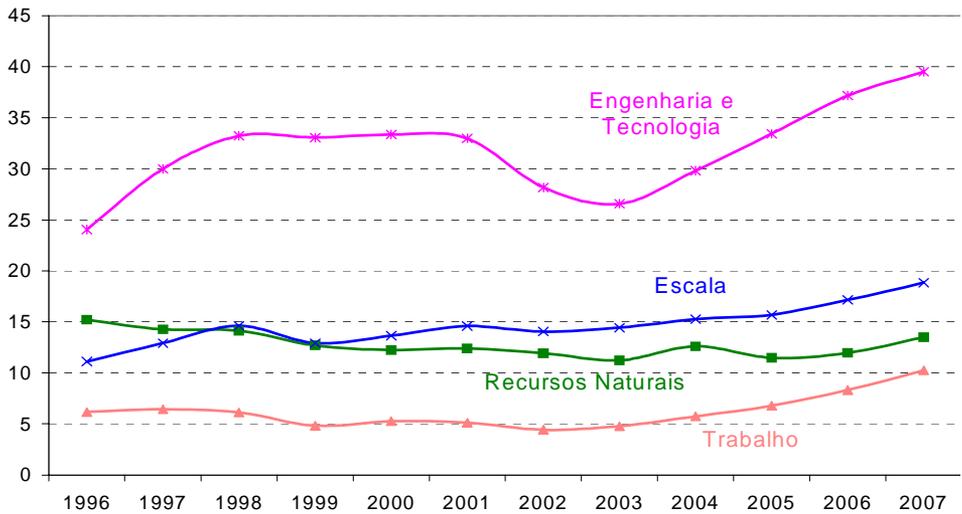
2,4 por US\$). O objetivo de manter preços fixos é observar o crescimento real da produção e das importações.

O coeficiente de importações da indústria atingiu 20,3%, em 2007. Trata-se do quarto ano consecutivo de aumento no coeficiente. Desde 2003, quando ficou em 13,8%, esse indicador aumentou quase 50%. Frente ao período de 1996 a 2003, quando houve fases de alta, seguidas de reversão, o aumento recente foi mais consistente e de maior intensidade.

Desempenho por setor

O Gráfico 2 mostra o comportamento do coeficiente de importações segundo a classificação do OECD que define quatro grupos de setores: i) intensivos em engenharia e tecnologia, ii) em escala, iii) em recursos naturais e iv) em trabalho. De partida, observa-

Gráfico 2: Coeficiente de Importações da Indústria, por Setores



Fonte: IBGE, Secex, Funcex (elaboração própria).

se que há diferenças estruturais entre os grupos. Os setores intensivos em engenharia e tecnologia são de, de longe, os que apresentam maiores coeficientes. Em 2007, o coeficiente foi mais que o dobro da média dos setores intensivos em escala e recursos naturais e quatro vezes maior que os intensivos em trabalho.

Além disso, em todos os quatro grupos, houve, entre 2004 e 2007, aumento no coeficiente. Esse crescimento, no entanto, foi, em pontos percentuais, maior nos intensivos em engenharia e tecnologia. Quando se adota uma perspectiva de mais longo prazo, observa-se que, entre 1996 e 2007, houve queda no coeficiente dos intensivos em recursos naturais, em contraste com alta em todos os demais grupos.

A Tabela 1 detalha as evoluções do coeficiente por setor. A alta do coeficiente de importação, entre 2004 e 2007,

foi bastante generalizada, abrangendo também os setores intensivos em recursos naturais, à exceção da extração mineral. Quando se analisa a prazo mais longo, os coeficientes de importação na maioria dos setores intensivos em recursos naturais estavam, em 2007, abaixo dos níveis de 1996. Isso não ocorreu em nenhum dos setores pertencentes aos demais grupos analisados: intensivos em trabalho, em escala e em engenharia e tecnologia, que tiveram aumento no coeficiente nesses onze anos.

Determinantes setoriais da evolução do coeficiente de importações

A contribuição de um setor para um aumento no coeficiente de importações ocorre de duas formas. A primeira é pelo aumento da participação dos importados no consumo aparente do setor –

Tabela 1: Coeficiente de Penetração das Importações da Indústria- 1996/2007 (%)

Setores	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Indústria	14,6	15,8	16,4	14,7	15,2	15,6	14,0	13,8	15,4	15,8	17,5	20,3
Intensiva em Recursos Naturais	15,2	14,2	14,0	12,6	12,1	12,3	12,0	10,8	12,1	10,6	10,9	13,4
Extração Mineral	30,7	27,9	28,3	32,3	32,6	35,6	31,0	31,9	37,3	32,6	29,5	29,7
Petróleo e álcool (inclui refino)	31,7	29,0	27,9	25,7	24,3	25,3	25,2	23,2	25,9	23,0	24,1	27,4
Alimentos e Bebidas	3,9	3,9	4,0	3,1	3,1	2,6	2,8	2,6	2,6	2,8	3,0	3,3
Madeira	2,4	2,9	2,8	1,8	2,2	1,8	1,8	2,1	2,7	2,6	3,3	3,7
Papel e Celulose	11,6	13,4	13,6	8,6	8,6	7,3	6,4	5,9	7,2	6,9	8,1	9,1
Prod. de Min. N. Metálicos	3,1	3,8	3,7	2,9	3,4	3,6	3,3	3,8	4,5	5,0	5,7	6,6
Intensiva em Trabalho	6,2	6,4	6,1	4,8	5,3	5,1	4,4	4,8	5,7	6,8	8,3	10,3
Têxtil	9,7	10,2	8,9	7,7	8,8	6,7	5,9	6,9	7,7	8,9	11,3	14,5
Vestuário	4,4	4,1	2,7	1,7	1,6	1,9	1,3	1,3	2,1	3,3	4,8	5,4
Couro e Calçados	3,6	4,0	3,8	3,1	3,8	4,1	3,2	4,1	5,4	6,4	7,6	9,4
Produtos de metal - exc. máq. e equip.	6,1	6,0	6,7	5,1	5,4	6,0	5,4	5,3	6,1	7,2	8,6	10,5
Móveis e Ind. Diversas	6,2	7,4	7,4	5,2	5,3	5,1	4,5	4,7	5,9	6,5	7,0	8,4
Intensiva em Escala	11,1	12,9	14,6	12,9	13,7	14,6	14,0	14,4	15,3	15,7	17,2	18,9
Química	14,1	15,5	16,2	15,6	17,0	18,9	19,8	20,6	22,8	21,9	23,6	26,3
Borracha e Plásticos	5,7	6,9	7,8	6,5	7,4	7,9	8,0	8,7	9,5	11,2	11,6	12,8
Metalurgia	7,2	9,6	11,1	9,3	9,6	10,1	8,4	8,2	8,4	9,9	11,6	12,1
Veículos Automotores	12,0	14,3	18,4	14,1	13,8	13,7	11,5	11,0	10,4	11,9	13,6	15,3
Int. em Engenharia e Tecnologia	24,0	30,0	33,2	33,1	33,4	33,0	28,2	26,6	29,8	33,4	37,2	39,5
Máq. e Equipamentos	27,1	32,6	32,6	28,3	25,0	27,6	25,3	23,4	23,6	27,7	29,6	31,6
Materiais Elétricos	23,5	26,3	26,5	26,7	27,9	31,1	26,3	23,4	23,0	24,9	27,2	26,4
Complexo Eletrônico	18,9	23,6	29,5	33,4	35,5	33,8	30,2	31,7	34,9	38,7	42,7	43,4
Instr. Méd., de Controle e Autom. Ind.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	48,1	45,6	49,8	55,6	62,4	70,5
Aviação/Ferrov./Emb./Motos	34,0	55,6	53,9	55,7	64,6	40,9	24,0	19,6	35,8	35,3	40,5	50,7

Fonte: IBGE, Secex e Funcex (elaboração própria).

efeito importação. A segunda forma é pelo aumento da participação do consumo do setor no consumo aparente global – efeito consumo.

A Tabela 2 mostra essas contribuições para período 2004-2007, quando houve um aumento consistente e expressivo no coeficiente de importações. Observa-se que 60% do aumento do coeficiente de importações teve origem nos setores intensivos em engenharia e tecnologia, ou seja, dos 6,5 pontos percentuais de aumento total, 3,8 p.p. vieram desse grupo. Os intensivos em escala responderam por 28% da alta do coeficiente – 1,9 p.p. em 6,5 p.p.. Os intensivos em trabalho e recursos naturais tiveram em conjunto um impacto marginal de 12% ou 0,7 p.p..

Do ponto de vista da composição do efeito total, nota-se que parcela signifi-

cativa do efeito dos intensivos em engenharia e tecnologia sobre o coeficiente total (3,8 p.p.) deve-se à mudança na composição do consumo aparente em favor desse setor – efeito consumo de 1,2 p.p.. O efeito consumo foi positivo também nos intensivos em escala e neutro nos intensivos em trabalho. Já nos intensivos em recursos naturais, a redução da participação desses setores no consumo aparente fez com que o efeito desses setores sobre o coeficiente total fosse pouco significativo.

A explicação para a reduzida contribuição dos intensivos em recursos naturais para o crescimento do coeficiente de importações está no fato de concentrar setores em que o consumo aparente doméstico mostra-se relativamente estável (Gráfico 2). O crescimento das importações tem sido contido,

Tabela 2: Contribuição dos Grupos para Alta do Coeficiente de Importações - 2004 a 2007

Grupos	Variação no Coeficiente*	Efeito sobre o Coeficiente Total*			Crescimento (% a.a.)		
		Efeito Importação	Efeito Consumo	Efeito Total	Import.	Consumo	Produção
Eng. e Tecnologia	12,9	2,6	1,2	3,8	23,9	12,2	9,4
Escala	4,4	1,6	0,3	1,9	14,2	6,8	5,5
Trabalho	5,5	0,5	(0,0)	0,5	25,4	3,6	2,3
Recursos Naturais	2,7	0,9	(0,7)	0,2	6,5	0,8	2,0
Total	6,5	5,6	0,8	6,5	15,8	5,9	5,0

* Em pontos percentuais.

Fonte: IBGE, Secex e Funcex (elaboração própria).

em particular, pela entrada em produção de reservas e desenvolvimento de tecnologia na exploração de petróleo; maior consumo doméstico de biocombustíveis, reduzindo a dependência de compras externas de petróleo; avanços em termos de pesquisa científica na produção de alimentos; e pela forte competitividade brasileira em celulose.

Os setores intensivos em trabalho têm como característica comum apresentarem maior nível de auto-suficiência

O único setor em que o coeficiente de importação caiu no longo prazo foi o de recursos naturais

no atendimento à demanda doméstica. Entre 2004 e 2007, o coeficiente do grupo mais do que dobrou (Tabela 1), mas a penetração das importações continuou a ser menor que nos demais grupos. Seu efeito sobre o coeficiente total foi, portanto, reduzido.

Conforme visto acima, o maior impacto das importações veio dos intensivos em engenharia e tecnologia e dos intensivos em escala. Esses grupos reúnem setores que tendem a se expandir

mais fortemente com o crescimento da renda doméstica e do crédito, como é o caso de veículos automotores e complexo eletrônico, e com o aumento do investimento, a exemplo de máquinas e equipamentos.

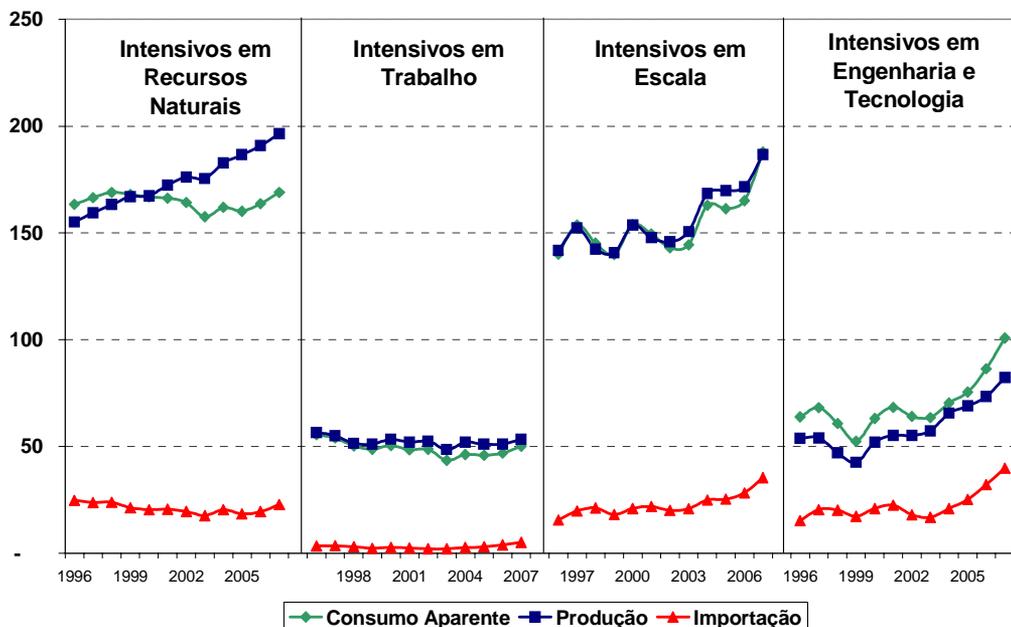
Tanto nos intensivos em engenharia e tecnologia quanto nos intensivos em escala, o aumento das importações foi impulsionado pela forte expansão do mercado doméstico. Um aspecto marcante foi que a produção doméstica cresceu acima da média da indústria. Por-

tanto, houve forte complementaridade entre o desempenho da oferta industrial doméstica e das importações.

A análise dos setores de maior relevância para o aumento do coeficiente de importações - complexo eletrônico; máquinas e equipamentos; veículos automotores; instrumentos médicos, de controle e automação industrial; e química - reforça a constatação de complementaridade entre a oferta doméstica e as importações. A Tabela 3 mostra que esses setores responderam por 4,5 p.p. - 70% - do aumento de 6,5 p.p. do coeficiente de importações da indústria, entre 2004 e 2007.¹

¹ Para fins de comparação, a Tabela mostra também petróleo e álcool, que é o segundo maior setor importador, depois da química.

Gráfico 3: Componentes do Coeficiente de Importações - Grupos de Setores (US\$ bilhões – a preços constantes de 2005)



Fonte: IBGE, Secex, Funcex (elaboração própria).

O efeito importação respondeu por 3,1 p.p. - dois terços - dos 4,5 p.p. de contribuição dos setores selecionados para alta no coeficiente. O efeito consumo foi particularmente expressivo nos setores de complexo eletrônico, instrumentos médicos e de automação industrial e veículos automotores. A contribuição desses setores para o aumento na penetração das importações foi de 48%, 44% e 43%, respectivamente.

Além de apresentarem maior crescimento no consumo aparente, o desempenho da produção foi também melhor nesses setores destacados, à exceção da química. Esse desempenho reforça o argumento de que a expansão das importações foi complementar ao aumento da produção e não substitutiva, conforme destacado no “Visão” 47.

Algumas ressalvas, no entanto, devem ser feitas ao bom desempenho da indústria doméstica nos setores destacados. De um ponto de vista de mais longo prazo, existem diferenças expressivas no que tange ao nível de produção alcançado em 2007, como mostra o Gráfico 3. No complexo eletrônico e nos instrumentos médicos e de automação industrial e na química, a produção física encontrava-se em nível inferior ao de 1996. Na química, o nível ficou abaixo do registrado em 2000. Isso denota que, nesses setores, a política de abertura comercial, iniciada na década de 90, favoreceu a penetração dos importados em detrimento da produção doméstica.

O comportamento é bastante distinto nos setores de máquinas e equipamen-

Tabela 3: Contribuição de Setores Selecionados para Alta do Coeficiente de Importações - 2004 a 2007

Setores	Variação no Coeficiente*	Efeito sobre o Coeficiente Total*			Crescimento (% a.a.)		
		Efeito Coeficiente	Efeito Consumo	Efeito Total	Import. Aparente	Consumo	Produção
Complexo Eletrônico	11,7	0,7	0,7	1,4	26,4	16,9	12,0
Máquinas e Equipamentos	8,2	0,6	0,3	0,9	19,8	11,1	8,8
Veículos Automotores	4,3	0,5	0,4	0,8	25,0	15,0	12,8
Instr. Méd. e de Automação Ind.	24,8	0,4	0,3	0,8	35,1	21,2	6,0
Química	5,7	0,8	(0,2)	0,6	10,4	3,8	2,6
Subtotal	6,8	3,1	1,5	4,5	19,2	10,1	7,8
Total	6,5	5,6	0,8	6,5	15,8	5,9	5,0

Memo:
 Petróleo e Alcool 4,1 0,5 (0,4) 0,04 5,9 1,7 2,4

* Em pontos percentuais.

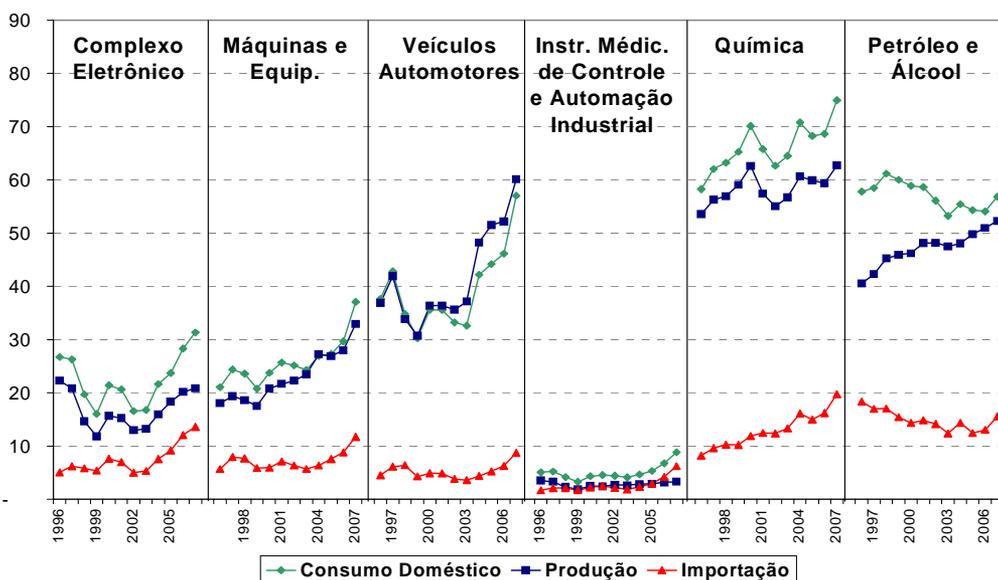
Fonte: IBGE, Secex e Funcex (elaboração própria).

tos e de veículos automotores. Entre 1996 e 2007, a produção física de automóveis cresceu e 63% e a de máquinas e equipamentos aumentou 82%. Houve nesses setores, portanto, diferentemente dos anteriores, uma resposta bastante positiva da indústria doméstica à maior abertura comercial.

Comentários finais

Em 2007, o coeficiente de importações da indústria atingiu 20%, o que corresponde a um percentual 50% maior do que o de 2003. Os principais setores responsáveis pelo aumento do coeficiente de importações foram aque-

Gráfico 4: Componentes do Coeficiente de Importações - Setores Selecionados (US\$ bilhões – a preços constantes de 2005)



Fonte: IBGE, Secex e Funcex (elaboração própria).

les intensivos em escala e em engenharia e tecnologia. Dentre esses, destacam-se complexo eletrônico, máquinas e equipamentos e veículos automotores.

Uma característica importante desses setores é que tendem a se expandir mais fortemente com o aumento da renda das famílias, do crédito e do investimento. Nesse sentido, o aumento de seu coeficiente está relacionado à aceleração do crescimento da demanda interna, comandada pelo consumo das famílias e pela formação bruta de capital fixo.

A alta no coeficiente de importações foi amplificada pelo fato de esses setores serem, tradicionalmente, aqueles com maior penetração de importados. No entanto, o crescimento expressivo da produção doméstica em segmentos como veículos automotores e máquinas e equipamentos, mostra que o aumento no coeficiente ocorreu em um contexto de complementaridade entre a oferta de bens nacionais e de importados.

Projetar esse quadro para os próximos anos não é uma tarefa fácil. A perspectiva é de que o crescimento da demanda doméstica e principalmente do investimento continuará levando ao aumento do coeficiente de importações, porém a um ritmo menor do que o observado recentemente.

No longo prazo, os setores intensi-

vos em recursos naturais devem continuar a gerar superávits comerciais significativos. Em petróleo e álcool, a perspectiva é de o Brasil vir a se tornar, em um futuro próximo, importante exportador líquido.

Nos setores intensivos em escala e em engenharia e tecnologia, o bom desempenho da produção doméstica, especialmente em veículos automotores, demonstra capacidade da indústria nacional de atender à grande maioria do aumento da demanda interna. A expansão das importações de máquinas e equipamentos contribui para aumentar a capacidade da indústria como um todo de atender ao consumo doméstico, diminuindo a necessidade de importações.

A perspectiva é de crescimento do coeficiente de importações, mas em um ritmo mais lento

Os desempenhos mais preocupantes ficam por conta de complexo eletrônico; instrumentos médicos, de controle e automação industrial; e química. Em que pese o crescimento da produção, entre 2004 e 2007, esse desempenho resultou basicamente na recuperação de níveis já obtidos em anos anteriores. O desempenho diferenciado desses setores indica que suas trajetórias de crescentes déficits externos são de natureza estrutural. Têm determinantes próprios a essas indústrias, relacionados a fatores de natureza tecnológica e a estratégias de divisão do trabalho internacional das empresas líderes.